

UM SORRISO BUDISTA: *entrevista* ao *Lama* *Lobsang*

Um sorriso no trono enquanto ensina.

Entrevistador: Marco Casquilho
Tradutora: Marta Fabela
Fotógrafo: P. Zacarias

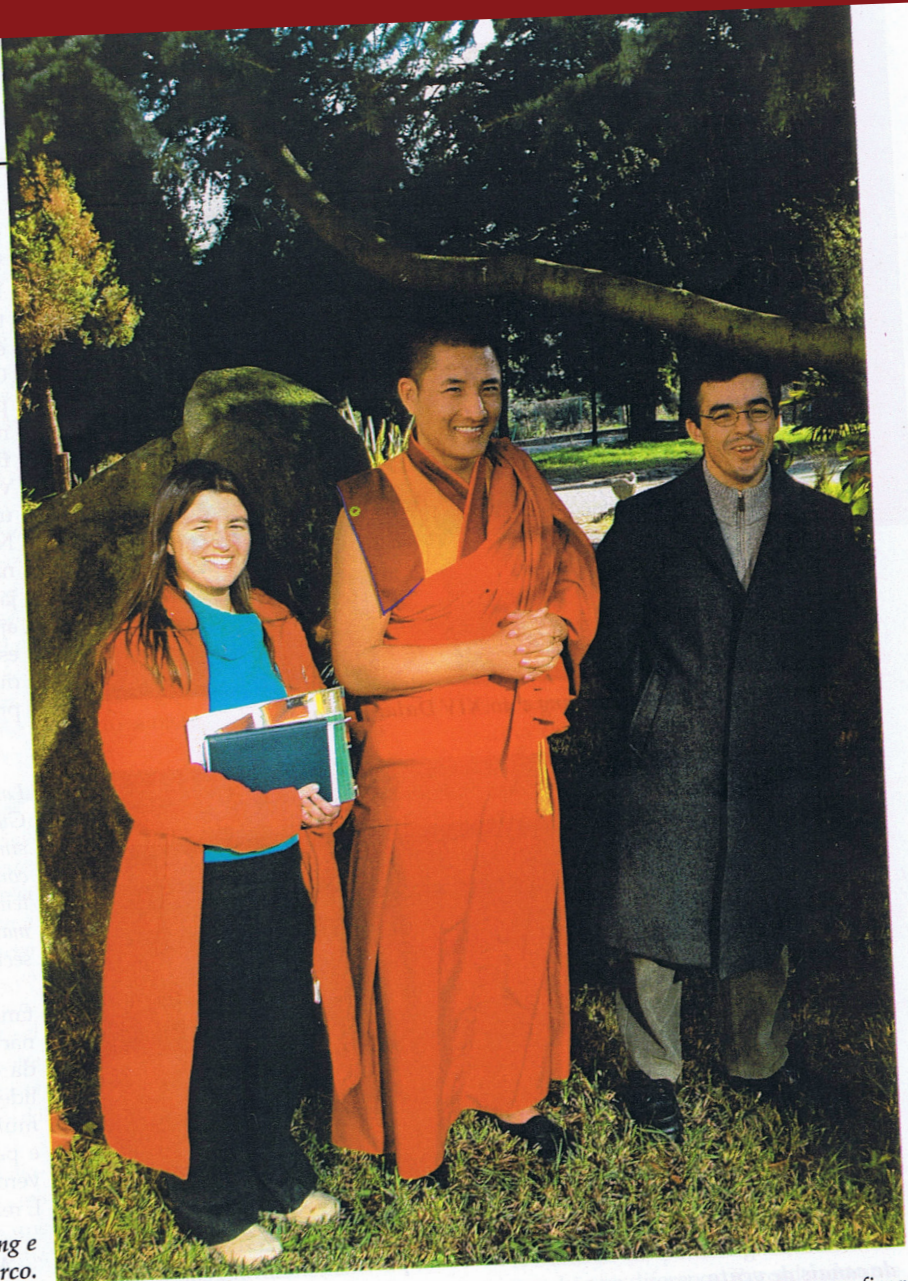
Nos dias 3 e 4 de Fevereiro, no Seminário da Boa Nova em Valadares teve lugar uma *Workshop* com *mantras de cura, tonglen* (dar e receber) e *meditação sobre a compaixão*. A organização foi da responsabilidade do centro Nangten Menlang (Escola Tibetana da Arte da Cura). Este encontro promovido pelos alunos do Lama Lobsang, que solicitaram o nosso espaço destinado a hospedagem e à realização de encontros, teve a participação de cerca de cinquenta pessoas. No sábado contou com uma conferência bastante concorrida sobre o Grande Veículo

(Tantrayana). No Domingo teve lugar uma meditação sobre compaixão, uma meditação sobre o dar e o receber e o estabelecimento do equilíbrio físico, mental e emocional pela reabertura dos chakras. Entre os dias 8 e 11 de Fevereiro realizou-se o retiro internacional de purificação do corpo, da palavra e da mente, com cidadãos provenientes de diferentes países europeus como Portugal, Bélgica, Suíça, Alemanha, Holanda e Espanha.

Por sugestão de diversos membros da Sociedade Missionária da Boa Nova, de aproveitarmos esta oportunidade para conhecer melhor uma realidade religiosa e cultural diferente da nossa, solicitamos uma entrevista ao Lama Lobsang Damchoe Nyima, da Escola da Arte da Cura do Budismo Tibetano

(Nangten Menlang), cujo centro/escola fica em Manali, nas imediações de Dharamsala (Pequeno Tibete), no sopé dos Himalaias na Índia. Graças à simpatia e generosidade do Sr. Phillipe Gabbus e da Sónia Peixoto, inseridos na organização do encontro, o Lama recebeu-nos na Quinta-Feira, 9 de Fevereiro. Acolheu-nos no seu quarto, com o seu hábito monástico amarelo e vermelho, sentado na tradicional posição oriental de pernas cruzadas. Durante a entrevista manifestou-se sempre afável e tranquilo, com um sorriso nos lábios. E, claro, mostrou-se disponível para uma sessão de fotografias.

Marco - Como professor neste retiro Internacional, Lama Lobsang, certamente tem a oportunidade de falar com pessoas



Sónia Peixoto, Lama Lobsang e Marco.

da Holanda, Portugal, Bélgica, Suíça, Espanha e Alemanha. É tarefa fácil transmitir conceitos religiosos orientais como Sangha, Dharma, Karma, Samsara aos europeus? Porventura, não lhe colocam muitas questões?

Lama Lobsang - Sim. Eu penso que

basicamente o que disse é bastante correcto. As pessoas têm sempre uma pergunta ou talvez um problema e nós precisamos de dar a resposta certa. Eu tento estar sempre lá para os ajudar nas suas questões ou problemas da vida. Tento responder de acordo com

as crenças budistas. Eles parecem ficar satisfeitos e contentes. Por isso, voltam para novas perguntas.

Marco - Quanto aos exercícios físicos... geralmente os europeus não estão muito habituados. Qual é a reacção das



Sentados enquanto esperam o Lama.



A entrada do Lama Lobsang na sala.



Participantes no retiro internacional.



No altar, foto do Lama Lobsang e do XIV Dalai Lama.



Lama Lobsang sentado no trono, vendo-se na parede a bandeira com símbolo de canais de vento.

peçoas em relação aos seus exercícios?

Lama Lobsang - Sim. No geral eles gostam de praticar os exercícios que ensino. Porém, é verdade, na Europa e não só, sentem dificuldade em fazer exercício porque exigem muita energia. Mas, o exercício, no nosso ponto de vista é diferente, tem a ver com o desenvolvimento da saúde física e mental. Nós fazemos este exercício por alguns dias, há um resultado, sentimo-nos revitalizados, sentimo-nos felizes e desejamos repetir.

Marco - Quais são os benefícios do diálogo entre culturas?

Lama Lobsang - Eu acredito e digo que no fundo existem vários tipos de cultura. Há uma cultura ambiental e uma cultura natural. Numa cultura

natural todos queremos a felicidade e não queremos sofrer. Isto é o que todas as pessoas dizem, independentemente da língua, da cor ou da posição social. Nós não pensamos nesta cultura, mas simplesmente a damos a conhecer uns aos outros. Depois temos a cultura exterior: roupas, adereços e muitas outras coisas. E essa cultura de tempos a tempos está a mudar, é temporária. Em diferentes tempos há coisas diferentes. Por fim, temos a cultura interior, que é o que todos precisam. Na cultura exterior é-se feliz à sua maneira e não se partilha necessariamente essa parte, a não ser a dimensão espiritual.

Marco - Consegue definir o budismo em breves palavras?

Lama Lobsang - Como dizer de

modo simples... Budismo significa não ter necessidade de acreditar em Deus. Budismo significa a liberdade de não ter de acreditar algo em especial... é uma espécie de caminho do meio. Quando nos tornamos budistas, não é preciso acreditar em Deus... mas isto não significa que haja uma não-crença. Budismo significa tornar-se responsável por si próprio. Nós estabelecemos uma diferença entre Buda e Budismo. Nós acreditamos que cada um tem a natureza de Buda. Todavia, o Budismo já é algo mais técnico e separado, que ajuda através de um método a atingir esse estado de Buda, o Nirvana, Deus, ou seja... a profunda natureza de si próprio.

Marco - Em 2001, recebemos o Dalai Lama em Lisboa, Coimbra e Porto. Tezin Gyatzo apresentou-se como um homem simples e acessível, dotado de profundos conhecimentos, com uma enorme paz patente no seu sorriso aberto. Pode dizer-nos mais sobre esta figura marcante do nosso século?

Lama Lobsang - Nós, o povo Tibetano, acreditamos que ele é a reencarnação de Avalokiteshevara, a divindade da compaixão. É o XIV Dalai Lama, líder político e espiritual. É uma pessoa muito importante para o povo tibetano e para todo o mundo. É um homem verdadeiro, honesto, sem duplicidades. É realmente uma pessoa boa.

Marco - Recentemente foi lançada uma edição portuguesa do Livro Tibetano dos Mortos. O que nos pode dizer sobre esta obra antiquíssima?

Lama Lobsang - Bem... Para a filosofia budista não há realmente morte, mas o morrer. O morrer é mudança, mas a consciência nunca tem um princípio e um fim... está sempre em aberto. O tempo de morrer é uma boa oportunidade para nos apercebermos da nossa natureza. Assim, o tempo da morte é uma oportunidade muito especial, porque naturalmente os elementos se dissolvem, os pensamentos se dissolvem e depois do pensamento, que acreditamos ser a pura natureza da nossa humanidade, vem a sabedoria (...). Nós preparamos esse momento da natureza humana. De qualquer forma, a maior parte das pessoas tem uma morte breve. Morrer e dormir é igual. Após a morte a experiência é como

se sonhasse, mas no sonhar não nos apercebemos o que estamos a fazer. No sonho acontecem coisas boas ou más e se não nos damos conta disso sofremos. Na morte não nos apercebemos que é a morte. Alguns compreendem e outros não, porque deixam que as suas impressões de vida tornem tudo mais confuso. Por isso, a pessoa tem medo, sofre e tenta renascer num outro sítio e não tem um tão bom nascimento. Assim, quando a pessoa morre, nós lemos o *Livro Tibetano dos mortos*. Se essa pessoa ouvir, não tiver medo e se aperceber de que está a morrer isso será útil. O pensamento e a consciência após a morte tornar-se-ão mais claros. Nós lemos e ele perceberá melhor. Isto é uma parte muito importante do ensinamento.

Marco - *Um dos problemas mais esquecido pelas entidades políticas europeias é o da independência do Tibete. Neste momento, o Papa Bento XVI, líder da Igreja Católica, tenta estabelecer relações com a China com vista a solucionar o complexo problema de divisão entre a Associação Católica Patriótica e a Igreja Católica Clandestina. Pensa que também seria possível o Dalai Lama ser recebido pelo presidente da República Popular da China com vista à resolução do problema da liberdade do povo tibetano?*

Lama Lobsang - Sim. É bem possível, embora eu não saiba quando isso pode acontecer. Nós dependemos uns dos outros e não tem existido uma mudança cultural. Não sei o que se poderá mudar, mas um dia poderá existir um encontro entre o presidente da China e Sua Santidade. E haverá um bom resultado. Todos acreditamos e ansiamos por isto.

Marco - *Não sei se conhece eventualmente a história de um diálogo entre um padre católico e um monge budista a propósito das semelhanças entre ambas as religiões. O sacerdote católico terá respondido que o conceito comum a ambas é a compaixão. No entanto, o monge budista terá realçado que é possível, mas que provavelmente o comum seja a incapacidade de, quer os cristãos, quer os budistas, praticarem os ensinamentos que anunciam. Concorda com tal afirmação?*

Lama Lobsang - Eu penso que essa resposta está realmente correcta. Basicamente o propósito de todas as



Diversidade de ouvintes escutam.

religiões é a felicidade, a necessidade de entreajuda e a compaixão. O problema é que sabemos tudo mas não fazemos nada.

Marco - *É possível o diálogo entre o Cristianismo e o Budismo? Se convidasse um sacerdote católico para uma refeição vegetariana qual seria o tema do diálogo entre vós?*

Lama Lobsang - Eu penso que o diálogo é possível. Não seria preciso chegar a um consenso de fé. Apenas precisaríamos de nos ajudar um ao outro, partilhar o que cada um não sabe. E assim ajudar-nos-emos. Mas isso não implica chegar à mesma crença. Cada um tem a sua crença, cada um encontra a felicidade de modo distinto. E isto está bem! Há pessoas que pensam que temos de ter a mesma fé e a mesma maneira de pensar. Mas, na realidade, o que precisamos é de nos ajudar e abrimo-nos mutuamente.

Marco - *O tema do momento na imprensa portuguesa é o referendo sobre o aborto. O que pensam os budistas acerca desta matéria?*

Lama Lobsang - Bem eu penso que... geralmente o aborto não é realmente aceitável. Mas acredito que tenho de ver em cada momento, quem é a pessoa, as suas razões, tempo e a sua situação. Há a verdade geral e a verdade individual. Há um ensino geral e um ensino particular. Geralmente sim não é boa ideia, não é necessário...embora se tente. Mas individualmente como algo que se tem de fazer está bem. Não é bom... mas necessita de uma escolha. No budismo não há certo nem errado. Basicamente dizemos que não é certo. Mas individualmente... é distinto. Na medicina tibetana há uma erva que

faz sair os bebés para fora. Isso não é de facto correcto, todavia em certos momentos não há hipóteses de escolha. Por exemplo, na sociedade ocidental ter uma criança é bastante dispendioso, pode destruir a sua vida e a vida da criança. Na nossa sociedade tibetana não é tão difícil, não somos tão ricos, mas também ter muitas crianças não sai tão caro. Temos de pensar nestes aspectos. O Budismo não diz se é bom ou mau, abortar não é correcto, mas você necessita de uma escolha.

Nesta entrevista procurámos transmitir fielmente as palavras do Lama Lobsang. Através delas queremos dar a conhecer aos leitores a doutrina filosófica, moral e religiosa de uma das Escolas do Budismo Tibetano. O diálogo inter-religioso, a tolerância e a paz deve assentar neste conhecimento mútuo, que não nos força a uma uniformidade no pensamento, mas à comunhão na diferença. Recordando uma passagem da declaração *Nostra Aetate* promulgada no II Concílio do Vaticano: "A Igreja católica nada rejeita do que nessas religiões existe de verdadeiro e santo. Olha com sincero respeito esses modos de agir e viver, esses preceitos e doutrinas que, embora se afastem em muitos pontos daqueles que ela própria segue e propõe, todavia, reflectem não raramente um raio da verdade que ilumina todos os homens. No entanto, ela anuncia, e tem mesmo obrigação de anunciar incessantemente Cristo, «caminho, verdade e vida» (Jo. 14,6), em quem os homens encontram a plenitude da vida religiosa e no qual Deus reconciliou consigo todas as coisas".